

Sem complicações



NOEMI JAFFE
é escritora,
professora e crítica
literária. Autora
de livros como *A
Verdadeira História
do Alfabeto* e *Írisz:
As Orquídeas*

Como era o truque do clipe? Ah, enganchar um clipe no puxador do zíper, amarrar uma linha, colocar o vestido, puxar a linha e daí o zíper subia. Com a linha fina não ia dar certo. Se puxar, ela arrebenta. E uma mais grossa não cabe no furo do clipe. E o vestido tinha que ser esse. Outra linha, média, que coubesse no furo do clipe e não arrebentasse, ela não tinha. E agora, com 1 ou 2 quilos a mais, o zíper ficava mesmo lá embaixo, não subia quase nada e não dava para puxar só um pouco, ao menos de modo que desse para puxar o resto com a mão. E o pior é que não havia ninguém para pedir ajuda. Droga. Ninguém para dar assistência. Não dava para chamar o zelador para isso. Definitivamente, não. Seria constrangedor, uma intimidade não aconselhável. Um vizinho? Não, não tinha criado amizade suficiente com nenhum deles a ponto de pedir um favor como esse. E depois, como? Ia tocar a campainha com um vestido semiaberto, os pneus saltando, ser alvo de comentários posteriores: “olha como ela engordou”, “coitada, tão sozinha”, “não tem quem ajude a fechar um zíper”, “será que ela não se toca que esse vestido não serve mais?”. Ela sabia que, uma vez fechado o zíper, a aparência final seria semelhante à de quando os pneus ainda não existiam ou, ao menos, não eram tão perceptíveis – não com aquele volume, de um jeito que dá para pegar com os dedos e puxar. Mas como fechar o zíper?

Talvez com um garfo. Enfiar o dente do garfo no puxador do zíper, amarrar uma linha

no cabo do garfo e puxar. Não só a linha soltou do cabo do garfo como o dente deu uma arranhada nas costas. E o diabo do zíper nada de subir. Ligar para a mulher do zelador? Pedir um fio mais grosso emprestado? Colocar um casaco por cima? Trocar de vestido? Assumir-se mais velha? Aceitar-se como se é, como dizem essas novas propagandas do sabonete, do sutiã, do carro, do cigarro, da lavadora? “Mas como é que eu sou? Eu quero usar esse vestido. Quero parecer mais jovem, mais magra. Mas por que se ele não cabe mais? Por que não colocar um mais largo, folgado? Afinal, é só para ir até a padaria? Quando ele cabia, eu não tinha perguntas, não precisava saber se eu era eu mesma nem me aceitar.” Um parafuso comprido. Sim, tinha um desses na caixa de ferramentas. Ela se deitaria de bruços, engancharia o parafuso no puxador do zíper e amarraria com o fio mais grosso. Pneus achatados não emperram o zíper. Funcionou. Levantada, no espelho, viu-se sumarenta, uma mulher e seu vestido, sem necessidade de zelador nem vizinhos, propaganda de sabonete ou auto-aceitação, mesmo com os pneus escapando, o colo espremido, a respiração difícil.

– Seu Claudionor, veja dois bem torrinhos, por favor!

– Pois não, dona Odete. Faz tempo que a senhora não aparece. Vai no capricho. Aliás, a senhora parece mais jovem, mais bonita, não sei. Foi alguma coisa que mudou, dona Odete?

Comeu as casquinhas crocantes dos dois pãezinhos ali mesmo, na padaria. Rabo de um olho no Claudionor e do outro no espelho: uma mulher de vestido.

Na banca em frente, uma das propagandas de amor-próprio. Arrancou o miolo de um dos pãezinhos e jogou, discreta, no rosto sorridente da mulher do cartaz, aquela que se aceita sem complicações. □

*“Trocar de vestido? Assumir-se mais velha?
Aceitar-se como se é, como dizem essas novas
propagandas do sabonete, do sutiã, do cigarro?
Mas como é que eu sou?”*